

A SEMIÓTICA DO DISCURSO E A FONÉTICA ACÚSTICA: POSSÍVEIS CONVERGÊNCIAS

Conrado Moreira MENDES¹

RESUMO: Este trabalho visa a traçar brevemente um panorama das disciplinas semiótica do discurso e fonética acústica para, em seguida, pensar possíveis convergências entre essas disciplinas. A primeira, de filiação saussuriana e hjelmsleviana, tem o sentido como objeto, apreensível pelo resultado da função semiótica da linguagem, ou seja, a reunião dos planos da expressão e do conteúdo. A fonética, por sua vez, é o ramo da lingüística que estuda os sons da fala humana, e a fonética acústica é uma de suas subdivisões. Essa subdivisão analisa as características físicas dos sons da fala, ou seja, as ondas acústicas mecanicamente produzidas. Ao se retomarem as dicotomias hjelmslevianas conteúdo/expressão e substância/forma, pode-se dizer que a fonética se ocupa da substância da expressão. A semiótica debruçar-se-ia sobre todas as formas de signos (lingüísticos ou não) e suas relações. Observa-se que essas disciplinas trabalham com a relação contínuo/descontínuo. No caso da fonética acústica, poder-se-ia pensar no recorte tanto do espectrograma ou da uma curva de onda; à luz da semiótica, o texto é segmentável em partes menores. Tanto em um caso como em outro, por mais que se segmente por uma questão analítica, só haverá sentido no continuum sonoro ou no texto como um todo. Para Greimas e Fontanille (1993) *apud* Matte (2002), o continuum é pré-condição necessária à instalação do sentido pelo corte. Outra convergência entre as disciplinas é o estudo da fala emotiva, pois ela impregna semi-simbolicamente o verbal de conteúdos emocionais.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica do discurso; fonética acústica.

Introdução

Este trabalho pretende articular duas disciplinas que, em geral, são vistas em separado. Parte-se do pressuposto saussuriano-hjelmsleviano, a partir do qual, o signo lingüístico e a função semiótica são compostos de duas grandezas: um conceito e uma imagem acústica. Saussure chama aquele de significado e este de significante, ao passo que Hjelmslev denomina o primeiro de plano do conteúdo e o segundo de plano da expressão. Na função semiótica hjelmsleviana, cada funtivo se divide em forma e substância. Pelos postulados desses dois lingüistas, não se pode conceber um significante sem significado ou, em outras palavras, a expressão pressupõe um conteúdo

¹ UFMG - Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos . E-mail: conradomendes@yahoo.com.br

e vice-versa. Partindo desse princípio, propõe-se, para além de uma análise semiótica do discurso, ou seja, uma análise do conteúdo, uma análise fonética da expressão. Acredita-se que, em muitos casos, a expressão engendra juntamente do conteúdo os sentidos dos textos. Por isso, alinhando-se à proposta de Matte (2002), o intuito deste texto é procurar pontos de convergência entre as disciplinas em questão para refletir sobre uma análise do discurso que leve em conta a expressão da fala. Para tanto, apresentar-se-ão brevemente as disciplinas para então pensá-las conjuntamente.

Semiótica e sentido

De acordo com Bertrand, “O objeto da semiótica é o sentido” (2003:11), apreensível pelo resultado da função semiótica da linguagem, ou seja, a reunião dos planos da expressão e do conteúdo. O que diferencia esta disciplina de outras, como a história ou antropologia, que também podem ter o sentido como objeto é “o parecer do sentido” (BERTRAND, 2003:11). Tal parecer se apreende por meio da linguagem verbal, não-verbal (visual, plástica, gestual, musical etc.) ou sincrética, como, por exemplo, o cinema, que agrupa algumas dessas linguagens.

Já que o objeto da semiótica é o sentido, é conveniente falar sobre esse objeto com mais vagar. Para Greimas, é “extremamente difícil falar do sentido e dizer alguma coisa significativa” (1975:07), segundo o autor, só se poderia falar do sentido de forma conveniente se se criasse uma metalinguagem para isso, ou seja, construir uma linguagem que não significasse nada. Sabe-se, entretanto, que essa linguagem desprovida de sentido é inconcebível. Para complicar, vive-se num mundo significante e o sentido se coloca como um “‘sentimento de compreensão’ absolutamente natural”

(1975:12), paradoxalmente, a língua natural nunca é denotava, mas possui diversos planos de leitura. Para Greimas, viver sob a constante ameaça da metáfora é um estado normal da condição humana. Assim, questionar a construção de sentidos num mundo em que as coisas parecem naturalmente significar, é uma tarefa metalingüística difícil. A descrição semiótica da significação seria, portanto, a construção de uma linguagem artificial adequada para falar da construção do sentido, “porque a forma semiótica é exatamente o sentido do sentido” (1975:17).

Para Greimas, “O sentido enquanto forma do sentido, pode ser definido então como a possibilidade de transformação do sentido” (1975:15), em outras palavras, produzir sentido é transformar um sentido dado. O sentido não é apenas o que dizem as palavras, mas ele é, antes de mais nada, uma direção. Para Fontanille (2007), essa direção equivale a tender a algo: “(...) o sentido designa um efeito de direção e de tensão mais ou menos conhecível produzido por um objeto, uma prática ou uma situação qualquer” (FONTANILLE, 2007:31). A significação, por sua vez, segundo esse autor, é o produto organizado pela análise. A significação diz respeito a uma unidade, “e repousa na relação entre um elemento da expressão e um elemento do conteúdo” (2007:32). Contrariamente ao sentido, a significação é sempre articulada. Ela só é reconhecível após segmentação e comutação e só se pode apreender a significação por meio das relações que uma unidade estabelece com as outras. O termo *significância*, por sua vez, diz respeito à globalidade de efeitos de sentido de um conjunto estruturado e não corresponde ao das significações. Segundo Fontanille (2007), hoje em dia, *significância* quase já não é utilizado, sendo substituído pelo termo *significação*, já que não se acredita que o local (a parte) determina o global (o todo). Utiliza-se então *significação* numa acepção genérica que substitui *significância*.

A Semiótica do discurso

Existem algumas correntes semióticas² no mundo, tais como a americana e a francesa. A primeira é calcada na obra do filósofo e pensador Charles Sanders Peirce (1839-1914) e se atém fundamentalmente ao modo de produção do signo e sua relação com a realidade referencial. Trata-se de uma semiótica lógica, filosófica, desvinculada de qualquer ancoragem das formas languageiras (BERTRAND, 2003:14).

A segunda corrente semiótica, a francesa, também conhecida por semiótica do discurso, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas (1917 – 1992), lingüista lituano radicado na França, tem filiação saussuriana e hjelmsleviana, por isso, ancorada numa teoria da linguagem, de postulados estruturais e na concepção de que a língua é uma instituição social. A diferença fundamental entre as duas correntes semióticas aqui apontadas é que a primeira é fundamentalmente lógica e de filiação filosófica, ao passo que, a francesa, ou Escola de Paris, é fundamentada nas teorias da linguagem e do discurso. Além das correntes semióticas apontadas acima, há ainda a semiologia³. Ambas, muitas vezes tomadas como sinônimas, tem em comum o fato de atravessarem a fronteira da palavra ou da frase: diferentemente da semântica, elas se preocupam com o texto, entendido aqui num sentido amplo.

² Além das correntes americana e francesa, destaca-se ainda a semiótica russa ou semiótica da cultura, segundo a qual, “a cultura é entendida como texto e a comunicação, como processo semiótico” (citado de <http://www.pucsp.br/pos/cos/cultura/semicult.htm> acesso em 05/05/2007) e tem como maior expoente Iuri Lotman. Mais recentemente, a partir da década de 1980, desenvolve-se, na Austrália a semiótica social ou sociosemiótica, “ciência que analisa e estuda os signos na sociedade” (Pimenta, 2007:153), a partir dos trabalhos de Michael Halliday.

³ Existe uma concorrência entre os termos semiótica e semiologia. Para Bertrand, “a distinção teórica e metodológica entre semiótica e semiologia (...) está mais ligada às transformações históricas de sua formação recente no campo das ciências da linguagem” (2003:12). Semiologia, portanto, estaria mais ligada à obra de R. Barthes, enquanto a semiótica – do discurso – remeter-se-ia a A. J. Greimas. No entanto, além dessa diferença, enquanto a semiologia se preocupa com a “vida dos signos no seio da vida social”, a semiótica se preocupa com o sentido suscitado pelo signo. Esta, portanto, se interessa pela significação. Do signo empírico ela não diz quase nada; seu projeto não é o signo, mas as relações subjacentes que produzem a significação. Para J. C. Coquet, “O objeto da semiótica é explicitar as estruturas significantes que modelam o discurso social e o discurso individual” (apud Bertrand, 2003:115). Trata-se de uma ciência que procura explicitar as condições de produção e apreensão do sentido.

A semiótica do discurso, para se constituir, foi influenciada por três áreas do conhecimento: a lingüística, a antropologia e a filosofia. Para escrever a obra fundadora *Semântica Estrutural* (1966), Greimas teve como alicerce os trabalhos de Saussure e Hjelmslev. A antropologia cultural, pelos trabalhos de Lévi-Strauss e Marcel Mauss, também influenciaram a semiótica. A conexão entre as duas disciplinas está no estudo daquilo que rege e permeia o discurso: a cultura, ou seja, como ela dá forma ao imaginário humano. A última influência é um ramo da filosofia chamado fenomenologia. Esta se preocupa com o parecer de um objeto empírico, ontológico, enquanto, para a semiótica, o parecer é construído no e pelo discurso, quer dizer, não existe a preocupação com uma correspondência entre mundo real e signo lingüístico.

Para Fiorin (1999), o projeto greimasiano foi de criar uma teoria gerativa, sintagmática e geral. Sintagmática porque se preocupa não apenas com o conteúdo, mas com o texto (expressão + conteúdo); é geral porque se interessa por qualquer tipo de texto (veiculado em qualquer materialidade); e é gerativa porque concebe o processo de produção de sentido de um texto como um percurso gerativo que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto: “Constitui ele um simulacro metodológico, para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo” (FIORIN, 1999). Tal percurso leva em conta o trabalho do russo Vladimir Propp, que reuniu um inventário das variantes do *Conto Maravilhoso Russo*, que somavam 31 funções.

Para a semiótica, um texto pode ser fatiado em camadas, pelas quais se dá o percurso gerativo de sentido, que se estrutura do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Temos, assim, nesta ordem, o nível fundamental (ou profundo), o narrativo e o discursivo. Cada um desses níveis tem uma sintaxe e uma semântica

próprias; a sintaxe seria o mecanismo que ordena os conteúdos, e estes estariam no domínio da semântica.

Segundo Lara e Matte (2007a), a teoria semiótica é muitas vezes acusada de ser como uma “camisa de força”, que tenta encaixar o texto a todo custo num modelo canônico. Para as autoras, ao invés disso, a semiótica se presta a “verificar os usos que o texto faz de uma dada estrutura para construir seu sentido específico” (LARA & MATTE, 2007a:01). Os modelos canônicos estabelecidos pela teoria semiótica, numa análise, “são convocados ou revogados pelo exercício concreto do discurso”. É cada análise que vai então desconstruir o texto para perceber como são engendrados os sentidos ali presentes, o que significa dizer que cada análise será uma análise e não um modelo dentro do qual devem caber todos os elementos do texto:

Diferentemente de engessar uma análise, a narrativa tem o poder de explicitar relações lógicas que o discurso manipula a fim de produzir efeitos de sentido. Em outras palavras: se a semiótica oferece modelos (enunciativos, narrativos, figurativos e passionais) para a análise, esses modelos não são dados de uma vez por todas, mas convocados ou revogados pelo exercício concreto do discurso (LARA & MATTE, 2007b:01).

Outra crítica recorrente à teoria estabelecida por Greimas é o fato de a semiótica ser “(...) uma teoria que desconsidera o contexto, que deixa de lado a história, que se mostra, enfim, imperdoavelmente estruturalista” (LARA & MATTE, 2007b:01). Na semiótica prioriza-se, sim, o texto, ou seja, os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido. No entanto, a teoria não ignora que o contexto histórico ou social sejam também textos, que podem estar em diálogo com o texto em análise. A semiótica, portanto, ao privilegiar o texto, não exclui o contexto, “Apenas optou por olhar, de forma privilegiada, numa outra direção” (LARA & MATTE, 2007b:01). Essa direção a qual se referem as autoras tem a ver com a base estruturalista, estabelecidas por Saussure e Hjelmslev.

No entanto, ser estruturalista passou a ser quase um “crime” e houve quem dissesse que a semiótica estaria passando por sua fase pós-estruturalista. Há que se salientar, entretanto, que foram justamente as bases estruturalistas que permitiram à semiótica adentrar os campos da enunciação, das paixões, da expressão e da continuidade. Ao beneficiar-se dos estudos no campo da enunciação, a semiótica não abandona o enunciado, mas o associa à sua produção em ato.

A fonética acústica: um breve panorama

O som é o resultado final da fala e para entender a fonética acústica, começar-se-á a falar sobre como se percebe o som. Para Ladefoged (1996), umas das dificuldades de se estudar a fala é o fato de o som ser de natureza fugaz, fugidia e transitória. Não há ainda nenhuma ligação visível entre quem fala e quem ouve. O que existe entre interlocutores é ar, e normalmente não é possível perceber as mudanças na condição do ar, ao conduzir o som. Devido a essas condições, o autor julga pertinente, antes de se falar de som, examinar o funcionamento do ouvido humano, por ser algo mais tangível. O ouvido possui uma membrana, o tímpano, que se move com a passagem do ar. Conectado a essa membrana está a cadeia de ossos (bigorna, martelo e estribo), cuja função é transmitir os movimentos da membrana ao líquido que está no ouvido interno. Juntamente desse líquido estão os nervos que conduzem esses estímulos à área de sensação auditiva do cérebro. Assim, movimentos desse líquido estimulam esses nervos, de modo que se experiencia a sensação de ouvir.

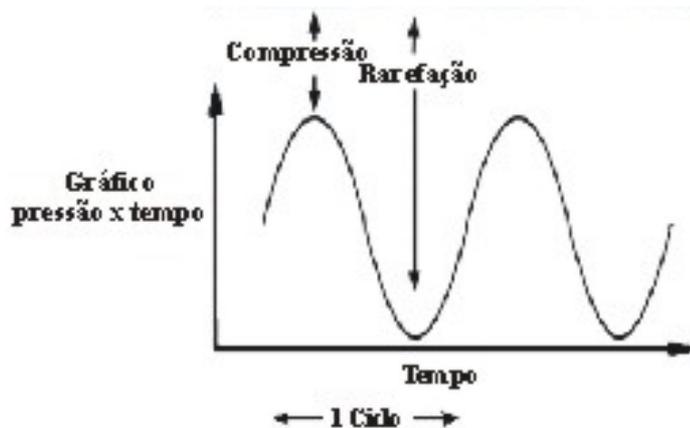
O som, por sua vez, seria um distúrbio no ar que ao chegar aos ouvidos teria esse percurso. O som é uma fonte de energia que se desloca no ar causando movimentos em

suas partículas, de modo que uma partícula afeta a partícula seguinte. Como se uma bola de bilhar batesse em outra, que, por sua vez, batesse em outra e assim sucessivamente. Esse processo se dá por compressões e rarefações sucessivas e esse fenômeno é conhecido por ondas sonoras:

It is in this way that vibratory motion is transmitted through the air. The individual particles move backward and forward, while the waves of compression move steadily outward. Consequently a listening ear will experience moment of higher pressure followed by moments of lower pressure (LADEFORGED, 1996:08).

Nem todas as variações não pressão do ar são perceptíveis como sons, no entanto, pode-se afirmar que qualquer variação apropriada é uma fonte de som. No caso da voz humana, diferentes flutuações da pressão do ar são causadas principalmente pela abertura e fechamento das cordas vocais. Tais variações na pressão do ar afetam o ar na garganta e na boca, em cada maneira como os sons são produzidos.

Até agora, descreveu-se o som como o movimento das partículas de ar, devido a variação da pressão. No entanto, há uma forma mais apropriada de se representar o som. O microfone que produz essa variação numa voltagem elétrica que é exatamente proporcional às mudanças da pressão do ar pela passagem do som. Com a ajuda de um microfone, pode-se produzir um gráfico da variação da pressão do ar que ocorre durante a emissão de um som qualquer. Assim, a altura de qualquer ponto na curva sobre o centro da linha representa o aumento da pressão do ar. Pontos abaixo da linha indicam a pressão do ar abaixo do nível normal do ar circundante, como se vê a seguir:



As variações na pressão do ar estão diretamente relacionadas aos movimentos das partículas do ar. Picos de pressão ocorrem quando elas se aproximam, e momentos de menor pressão quando elas se afastam. A soma de um pico e um vale resulta numa onda sonora.

Segundo Ladefoged (1996), existem três fatores que podem ser usados para diferenciar os sons: altura, pitch e qualidade. Em relação à altura, um grande movimento da força do som produz um som alto, e um movimento pequeno resulta num som suave. Se se considerar sob o ponto de vista da vibração do ar, um movimento grande da força do som provoca um movimento grande das partículas de ar, o que quer dizer, uma grande alteração da pressão do ar. Sob o ponto de vista do ouvinte, essa alteração na pressão do ar vai provocar de forma correspondente um grande movimento do tímpano, o que é interpretado como um som alto. A extensão da variação máxima na pressão do ar, a partir da duração normal do som é chamada amplitude; se a amplitude do som diminui, então o som será mais baixo.

O pitch seria, por sua vez, o índice de variação da vibração por segundo do som. Para Delgado Martins, o pitch (ou tom, na tradução da autora), é a frequência fundamental da voz que se percebe. Quanto maior o pitch, maior o número de vibrações por segundo. Variações na pressão do ar em qualquer som formarão um padrão que se repetirá em intervalos regulares de tempo. Uma variação completa na

pressão do ar é chamada de ciclo. O índice em que os ciclos ocorrem é chamado de frequência e medido em hertz. Dessa forma, o pitch depende da frequência ou índice de repetições das variações na pressão do ar. Assim, sons com baixo pitch têm baixa frequência.

Salienta-se que nem todos os sons têm ondas simples, como as produzidas por um diapasão. No caso das ondas complexas, as partículas de ar se movimentam de forma irregular. As vogais, por exemplo, causam alterações na pressão do ar de forma complexa. As formas das ondas estão relacionadas à qualidade do som, ou seja, a diferença entre a qualidade do som de um diapasão, piano ou de uma vogal reside na diferença da complexidade da forma da onda sonora. Diferenças em termos de qualidade podem ser descritas numericamente, uma vez que cada som terá uma frequência correspondente. Ladefoged (1996) exemplifica que um [u] teria em torno de 300 Hz, enquanto um [i] teria, por sua vez, 250 Hz.

Segundo Matte⁴, a onda periódica simples tem uma única frequência, de modo que, toda sua energia está concentrada num dado nível de energia. Ao contrário, as ondas complexas, formadas por duas ondas simples, terão dois picos em que a energia se concentra, esses picos de energia são chamados de formantes. O espectro da onda mostra o ponto em que há essa concentração de energia. Ondas periódicas raramente acontecem; as mais frequentes são as aperiódicas (ruídos) ou as quase-periódicas. O que caracteriza as vogais são esses picos, formados de muitos harmônicos, mas com uma concentração de energia numa determinada região da frequência. O que distingue um /a/ de um /u/ é a distância entre seus três primeiros formantes, contando do mais grave ao mais agudo.

⁴ No curso on-line sobre fonética acústica, ofertado pela Professora Doutora Ana Cristina Fricke Matte, disponibilizado em <http://transtextual.semiofon.org/moodle/course/view.php?id=7>, acesso em 17/06/2008.

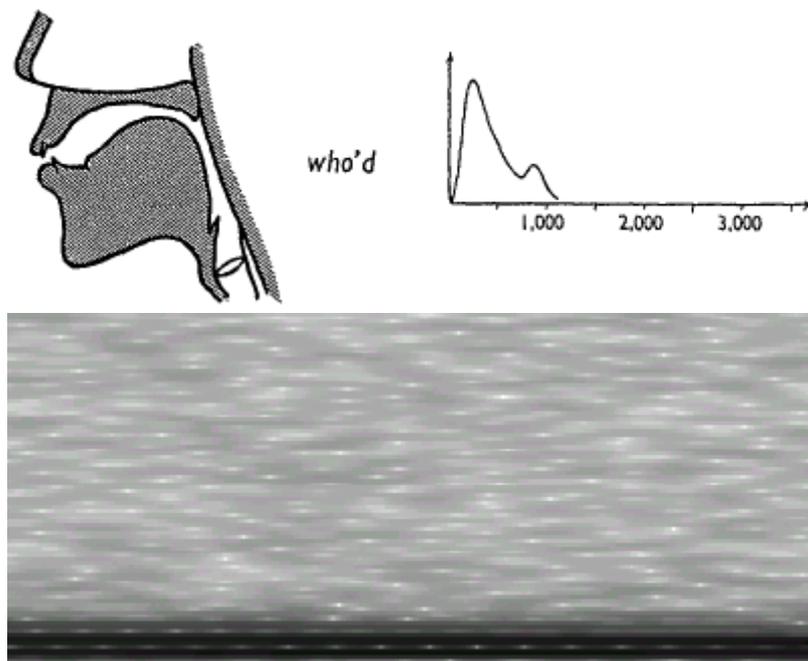
Relacionando então som, representação e fala, pode-se dizer, por exemplo, que para se produzir a vogal /i/, ocorre um fechamento da região frontal da boca e a criação de uma cavidade pequena, que produz formantes altos. Quando se produz um /u/, ocorre o contrário, ou seja, cria-se uma cavidade na região frontal da boca. Em relação ao /a/, não existe nenhum tipo de fechamento. Segundo Matte, a posição da língua será responsável pela configuração formântica. Os formantes produzidos no trato vocal são os três primeiros: F1, F2 e F3. Esses são os formantes principais para se distinguir os sons da fala. O quarto e quinto formantes são responsáveis por criar efeitos de emoção e intenção na fala. O F0 ou frequência fundamental é o único formante produzido pela vibração pregas vocais. O espectro é a representação dos picos de energia, como se fosse uma foto. O espectrograma, por sua vez, é a representação dinâmica dessas fotos, como se fosse um filme que vai mostrando os picos de energia de forma temporal.

Em relação aos sons da fala do português do Brasil (PB), podemos dividi-los em vogais, oclusivas, fricativas, nasais, laterais e vibrantes. Nas vogais, o fluxo de ar é livre e sempre há vozeamento, isto é, vibração das cordas vocais. Uma vogal se diferencia da outra pela configuração do tubo do trato vocal (maior ou menor abertura) e pelo levantamento da língua. Nas oclusivas, ocorre a interrupção do fluxo do ar justamente pela oclusão e em seguida ocorre uma explosão, pelo aumento da pressão na boca. O que diferencia uma oclusiva de outra é o ponto de oclusão ou o fato de ser sonora ou surda. Nas fricativas, ocorre uma diminuição do espaço por onde passa o ar, a ponto de se criar um ruído pela simples passagem desse ar. Essas também se diferenciam por serem surdas ou sonoras. Em relação às nasais, há um fechamento do trato bucal e uma abertura do nasal. Segundo Matte⁵, “A oclusão na boca produz o retorno das ondas que ali ressoam, provocando apagamento de alguns formantes”. Quanto às laterais, a língua

⁵ No curso on-line sobre fonética acústica, ofertado pela Professora Doutora Ana Cristina Fricke Matte, disponibilizado em <http://transtextual.semiofon.org/moodle/course/view.php?id=7>, acesso em 17/06/2008.

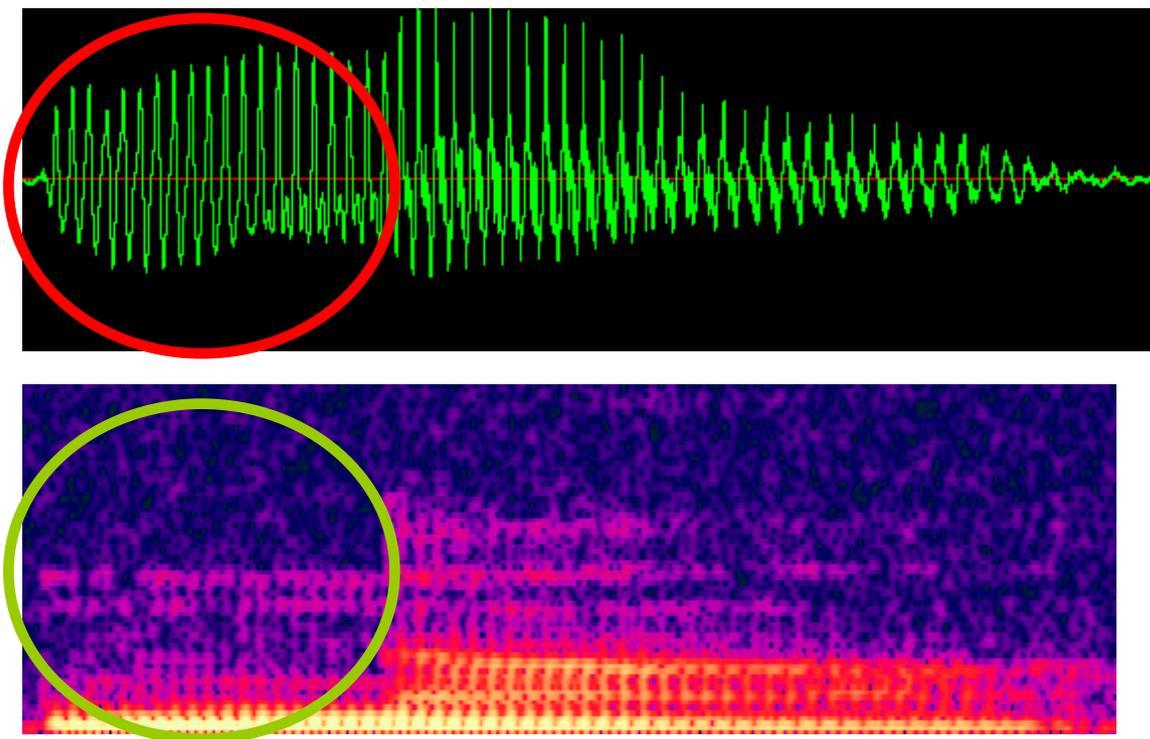
provoca o fechamento parcial da boca. Dessa forma, o som sai pelas laterais e há também apagamento das ondas que ressoam na parte fechada pela língua. Por fim, configuram as vibrantes, cuja simples é conhecida como tap, uma oclusão rápida, e muitas vezes à relaxada a ponto de não concluir a oclusão, ficando parecida, no espectro, com uma lateral. As vibrantes sonoras, para Matte, podem ter muitas variantes, por exemplo, o /r/ carioca, gaúcho, mineiro, nordestino, entre vogais, em final de frase etc.

Matte arrola alguns exemplos de como se comportam acusticamente alguns dos sons da fala do PB. O /u/ geralmente não mostra o terceiro formante, porque possui pouca energia. O exemplo é estável, mas na grande maioria dos casos de fala, a transição faz com que essas linhas horizontais e paralelas sejam modificadas na passagem de um som a outro, geralmente afetando boa parte de cada sinal de fala, como se vê a seguir:

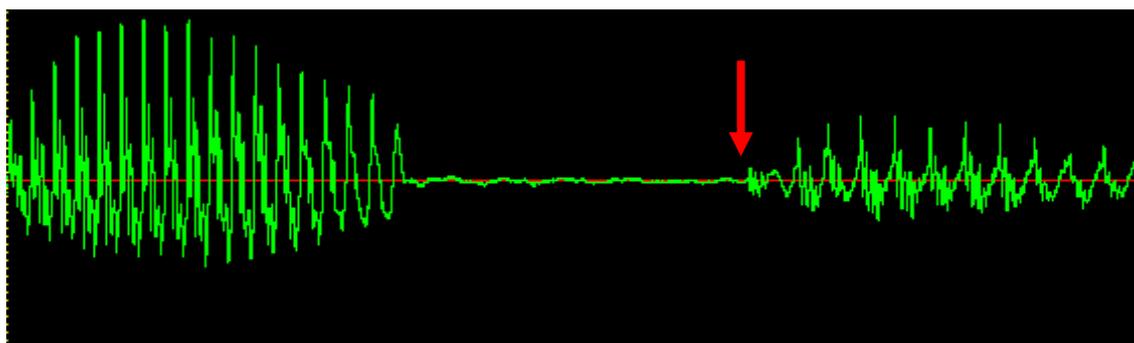


O caso da nasal /m/, ocorre apagamento de ondas como principal características. O som que vem da laringe entra na boca e no nariz (pois o caminho para a narina,

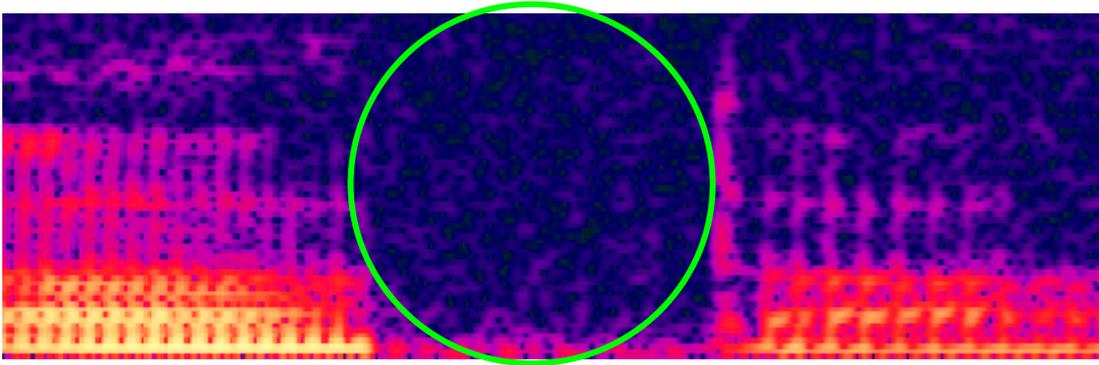
geralmente fechado, está aberto). “A boca, geralmente aberta, está fechada nos lábios. O som entra na cavidade bucal e, ao bater no obstáculo lábios retorna, apagando todas as ondas iguais que encontrar pelo caminho. Esse apagar é gradual: ondas semelhantes têm sua amplitude diminuída também, embora não sejam totalmente apagadas” (MATTE, 2008). Mostra-se a seguir um exemplo de curva de onda e de espectrograma da nasal /m/:



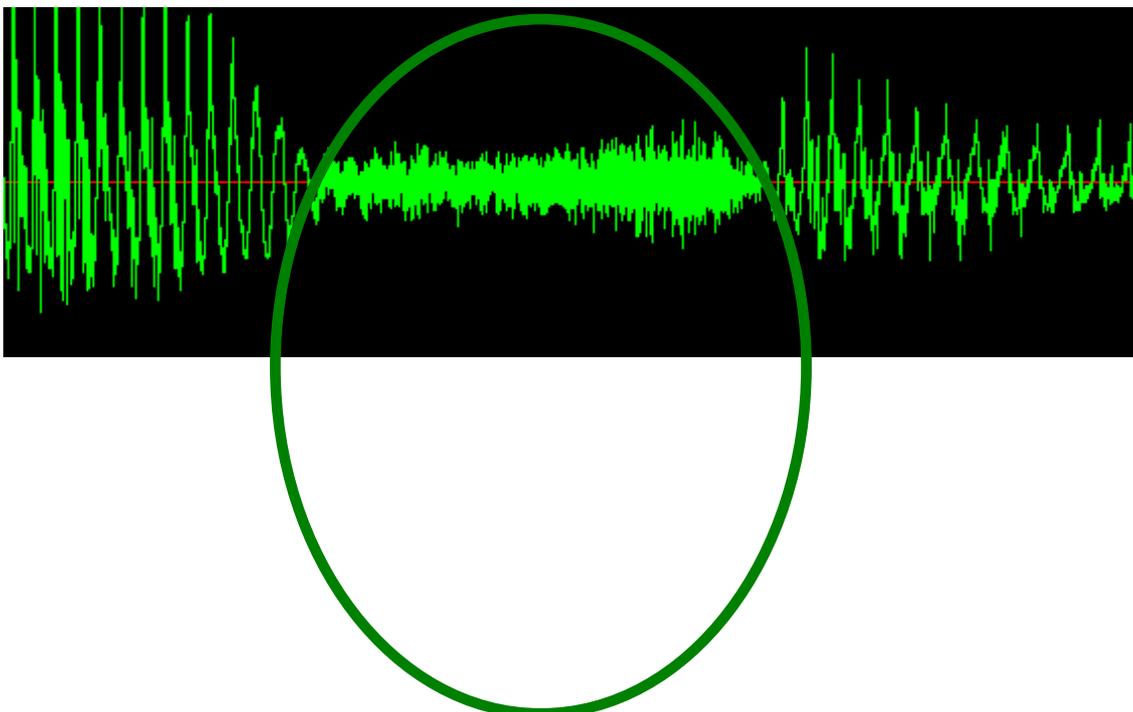
Em relação à oclusiva /p/, ocorre um fechamento total seguido de explosão, ou seja, uma abertura abrupta devido ao aumento de pressão intra-bucal. Essa explosão aparece na curva de onda como uma "sujeirinha", como se vê a seguir:

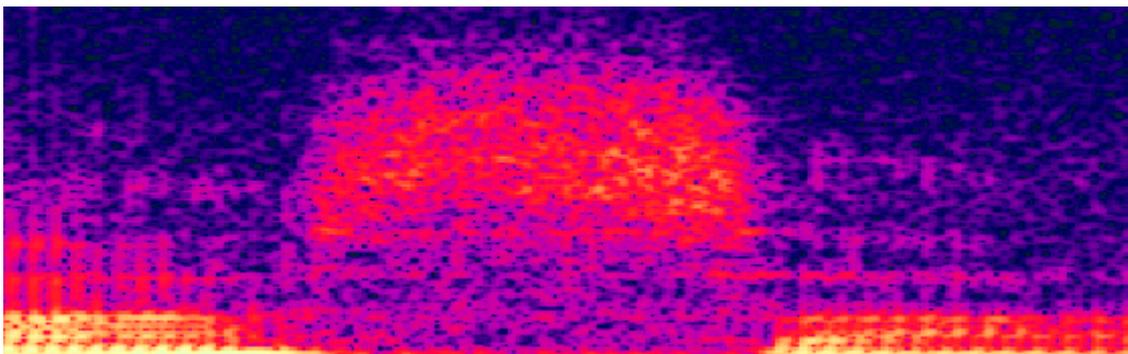


No espectrograma pode variar conforme o local de fechamento (/p/ fecha nos lábios, por exemplo). A explosão do /p/ no espectrograma está marcada com um círculo verde. Nota-se o espectro do momento da explosão do /p/, mostrando concentração de energia maior nas frequências mais baixas. Note que não há formantes, o som da explosão é um ruído.



A fricativa seria como uma explosão que dura no tempo: note que as vogais antes e depois da fricativa facilmente indicam ondas quase periódicas, enquanto na fricativa se vê um borrão. A seguir, mostra-se o exemplo de uma fricativa tanto na curva de onda, como no espectrograma:





Relacionando semiótica e fonética acústica

Ao se retomarem as dicotomias hjelmslevianas conteúdo/expressão e substância/forma, pode-se dizer que a fonética se ocupa da substância da expressão, enquanto a fonologia preocupar-se-ia com a forma desse fônico. Segundo Matte (2002), à sintaxe caberia a forma do conteúdo, enquanto a substância do conteúdo não seria objeto da lingüística, mas de outras ciências, como a psicologia ou a antropologia. A semiótica poderia ocupar-se, assim como a sintaxe, da forma do conteúdo. No entanto, adota-se a ótica saussuriana/greimasiana, segundo a qual, a lingüística seria um ramo da semiótica, que, por sua vez, debruçar-se-ia sobre todas as formas de signos (lingüísticos ou não) e suas relações. Dessa maneira, assume-se que a semiótica se ocupa tanto da forma do plano do conteúdo, como a forma do plano da expressão, se se pensar, por exemplo, no semi-simbolismo, que é a homologação entre plano de conteúdo e plano de expressão.

A fonética, como se disse, trabalha então com a forma da expressão. Especificamente, a fonética acústica não vai se preocupar com a percepção de um som, mas com a sua produção, o que implica uma diferença com a fonética tradicional. Matte (2002) aponta que o som produzido não necessariamente será o som percebido devido à percepção de diferentes faixas de frequência, intensidade ou duração de um som.

Segundo essa autora, foi recentemente que a fonética acústica passou a perceber o discreto no continuum, isto é, entidades abstratas, tais como no Alfabeto Fonético Internacional, não existiam no elemento acústico, tal como se propôs. Passou-se então a considerar unidades maiores como a sílaba⁶. Assim, a fonética desmistifica a idéia de que as unidades abstratas usadas pelos fonólogos não existem na materialidade do som, e acaba gerando uma ruptura entre a fonética e a fonologia. Assim Matte (2002) coloca duas questões:

Isso é problemático, afinal trata-se da *substância* e da *forma* do mesmo lado da folha de papel... o plano da expressão. Ao mesmo tempo, como a fonologia vai trabalhar com a idéia de descontínuo se a própria idéia de forma remete à descontinuidade? Teria a Fonologia que se fundir com a Fonética? Teria a forma que se fundir com a substância? (Matte, 2002:123).

Segundo a autora, é possível pensar esse impasse sob outro ângulo. A fonética sempre se ocupou de discretizar ou contínuo, ou seja, recortar o continuum sonoro em unidades compreensíveis a partir de cada língua, cada cultura. Graças a isso, a fonologia pôde se beneficiar de uma forma “absolutamente discretizada”. Dessa maneira, nada impede que a forma tenha outra forma, ou seja, a fronteira que se estabelece no continuum sonoro é arbitrária e só faz sentido a partir da língua que a recorta. Para a autora, então, não se trata de fundir a fonética com a fonologia, embora essas disciplinas apresentem convergências. Assim, a fonética continuará se preocupando com a substância, enquanto a fonologia com a forma da expressão.

Segundo Matte (2002), por muito tempo seccionar o contínuo foi tido como uma atitude verdadeiramente científica. Atualmente, existe uma parcela da comunidade científica que procura trabalhar com o todo, o processual. No caso da fonética-acústico-

⁶ Barbosa (2001) *apud* Matte (2002), argumenta que a vogal e a consoante são essenciais para a identificação dos segmentos na fala. Assim, um modelo que separe consoantes de vogal é inadequado.

articulatória, os traços conduziram ao gesto⁷, e na semiótica, um de seus desdobramentos, a semiótica tensiva, prefere trabalhar a significação como um continuum. Para Matte, “O corte funda o sentido. O sentido do segmento é um retalhamento do fluxo contínuo” (2002:133). Pode-se pensar, portanto, esse recorte tanto de um espectrograma e de uma curva de onda, objetos que estariam o domínio da fonética acústica, como em relação à frase e ao texto, este último, no âmbito da semiótica. Tanto em um caso como em outro, por mais que se segmente, por uma questão analítica, só haverá sentido no continuum sonoro ou no texto como um todo. Para Greimas e Fontanille (1993) *apud* Matte (2002), o continuum é pré-condição necessária à instalação do sentido pelo corte.

Outra relação entre as duas disciplinas é em relação ao uso do gesto fonatório feito pelo sujeito que fala. Matte (2002), ao ampliar os conceitos de Tatit sobre a canção, afirma haver dois processos na fala: um processo temático e um processo passional. No primeiro caso, faz-se uso da fala com o objetivo único de informar/comunicar algo. No segundo caso, a expressão adquire sentido, “podendo mesmo transformar o sentido da mensagem verbal que carrega consigo” (MATTE, 2002:135). O sujeito que faz uso do gesto fonatório, então é o sujeito de uma escolha: a fala temática ou a fala passional. Segundo a autora, a fala emotiva é uma fala intermediária, quer modifica o percurso da expressão na voz e impregna simbolicamente o verbal de conteúdos emocionais. Essas são, portanto, algumas possíveis convergências entre semiótica do discurso e fonética acústica.

⁷ Para a fonética tradicional, traços, produzidos pelos articuladores do trato vocal, compõem os sons, como oral, nasal, bilabial, sonoro, surdo, etc. Segundo Matte (2002), a fonologia articulatória de Browman & Goldstein questiona o traço como elemento constitutivo da unidade sonora. O argumento é que o traço se trata de um elemento estático, enquanto a unidade acústica é dinâmica. O gesto passa a ser visto como uma tarefa cuja execução é definida por um conjunto de gesto dos articuladores.

Considerações finais

Ao relacionar semiótica e fonética, este trabalho se propõe a perceber o signo lingüístico ou a função semiótica em sua inteireza, um todo de sentido, cujos pré-sentidos formadores nem sempre podem estar apontando para a mesma direção. Com isso, para além de uma análise semiótica do discurso, o propõe-se conjugar também uma análise fonética da fala. Se para a teoria semiótica, o discurso emerge pelo texto, a representação da expressão fala pode dar pistas para compreender a natureza do texto levando em consideração seus dois funtivos, expressão e conteúdo, e os respectivos sentidos criados por ambos.

Referências Bibliográficas

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução de Ivã Carlos Lopes et al. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DELGADO MARTINS, Maria Raquel. *Ouvir e falar: introdução à fonética do português*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.

FIORIN, José Luiz. *O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa*. Galáxia Revista de Comunicação Semiótica Cultura, São Paulo, v. 5, p. 19-52, 2003.

_____. *Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva*. DELTA, São Paulo, v. 15, n. 1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de Maio de 2008.

_____. *A noção de texto em Semiótica*. Organon, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 163-173, 1995.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do Discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. – São Paulo: Contexto, 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido*. In GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido – ensaios semióticos*. Tradução de Ana C. C. Cezar et al. Petrópolis, Vozes:1975.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*/ Louis Hjelmslev: [tradução J. Teixeira Coelho Netto]. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LADEFOGED, Peter. *Elements of acoustic phonetics* – 2nd ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

LARA, Gláucia Muniz. Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Semiótica greimasiana: iniciando a conversa*. In: VI SEVFALE - Semana de Eventos da Faculdade de Letras, 2007, Belo Horizonte. Anais da VI SEVFALE - Semana de Eventos da Faculdade de Letras. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. p. 1-8.

_____. *Semiótica greimasiana: estado da arte*. Belo Horizonte/ MG: UFMG, 2007 (Capítulo de livro).

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Vozes e canções infantis brasileiras: emoções no tempo*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2002.

PAVEAU, Marie-Anne. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática* / Marie-Anne Paveau, Georges-Elia Sarfati; Trad. M. R. Gregolin et al. – São Carlos: Claraluz, 2006.

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. *A semântica lexical*. In FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à Lingüística II - Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral* / Ferdinand de Saussure; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes Izidoro Blikstein. -- 27. Ed. -- São Paulo : Cultrix, 2006.

ZILBERBERG, Claude. *Razão e poética do sentido* / Claude Zilberberg; tradução de Ivã Carlos Lopes; Luiz Tatit; Waldir Beividas. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.